

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

**FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO - MESTRADO**

MEMORIAL: MINHA PROCURA NO PERCURSO DE UMA TRAJETÓRIA

Andréa Rodrigues Dalcin

Memorial apresentado como exigência parcial para a qualificação do Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas no curso de Mestrado em Educação, sob orientação da Profa. Dra. Norma Sandra de Almeida Ferreira.

Campinas, 2012

MEMORIAL: MINHA PROCURA NO PERCURSO DE UMA TRAJETÓRIA

A palavra mágica

Cada palavra dorme na sombra
de um livro raro
Como desencantá-la?
É a senha da vida
a senha do mundo.
Vou procurá-la.

Vou procurá-la a vida inteira
no mundo todo.
Se tarda o encontro, se não a encontro,
não desanimo,
procuro sempre.

Procuro sempre, e minha procura
ficará sendo
minha palavra.

(Carlos Drummond de Andrade)

Minhas considerações aqui partem de recordações conservadas na memória que ora estão muito vivas e ora encontram-se quase apagadas. Revisitá-las no processo de escrita desse memorial possibilitou um encontro comigo mesma nas diferentes situações de uma trajetória composta por idas e vindas, encontros e desencontros, sabores e dissabores, silêncio e conversa com meus pensamentos.

Entre o silêncio encontrado no jardim da minha avó, sobre a cama do quarto, na mesa da cozinha, na sombra das árvores, nas pétalas de uma rosa, eu conversava comigo sobre as inquietudes, os medos, os mistérios de criança, de adolescente e de adulto. O silêncio não me limitava, pelo contrário, me abria possibilidades, alargava fronteiras, pois dele surgiram palavras, argumentações, interrogações em que “minha procura” firmou-se na essência dessa trajetória.

Entre riscos, letras, símbolos e números: minha procura pelo mundo misterioso das letras...

Rememorar este período de minha vida é fazer emergir o armazém do vivido, do desejado, do fantasiado. Criada pelos meus avós e minha mãe, sempre fui uma criança que

gostava de brincar de faz-de-conta, criar personagens e histórias, transformar um objeto em outro utilizando assim, o suporte da minha imaginação.

Neste mundo imaginário já fui artista, policial, secretária, cozinheira, professora, mulher maravilha, princesa e muitas outras coisas. Imitava cenas de novelas, lia imagens de fotonovelas, ficava atrás da televisão acreditando que minha imagem apareceria na tela, criava histórias policiais com desfechos surpreendentes, lia receitas e, algumas vezes, fazia alguns pratos em minhas panelinhas com o fogãozinho. Com sobras de tecidos, papéis coloridos e brilhantes fazia roupas de super-herói para colocar nas bonecas de papéis que desenhava. Escrevia muitas, mas muitas histórias com personagens de desenhos e séries, os desenhava, pintava e recortava para encenar tais histórias. Imaginar, construir e brincar: quantas possibilidades vivenciei ora no silêncio de minha individualidade, ora com meus amigos na casa da minha avó, antes mesmo de saber ler e escrever.

Ano de 1981: aos seis anos ingressei na 1.^a série na EEPSG Prof. Walter Ribas de Andrade, localizada no município de Cajamar/SP. Mundo novo, estranho, cheio de novidades: inúmeras salas de aulas, espaço permeado por sons, muitas crianças juntas que circulavam em um mesmo espaço, horta, merenda, uma nova rotina, regras e lições.

Adorava ir à escola porque me sentia importante com a primeira mochila em que carregava cadernos, lápis, borracha e a cartilha “Caminho Suave”. Um espaço onde usava uma capa branca... um espaço que comecei a descobrir.

Recordo-me que, diferentemente dos momentos em casa, não usava a imaginação na escola, mas gostava de fazer a lição da “barriga”, do “cachorro”, do “dedo”, da “uva”, da “zabumba”. Adorava contornar as letras pontilhadas, copiar as sílabas, palavras e frases: “O cachorro bebe na cuia”; “O dedo é de Didi”; “O bebê baba”. Fazer essa lição em nada era difícil, mas cachorro, dedo e barriga eu sabia o que eram, mas cuia e zabumba? O que eram essas coisas? Eu ali, mais uma vez, envolta aos meus pensamentos, ao meu silêncio. Será que era o momento de utilizar palavras? Olhava algumas torres altas da cidade que tinham um círculo branco parecido com a zabumba. Para mim, aquilo era a zabumba! E ficou sendo por um bom tempo...

Com isso descobri que minha letra ficava linda nas cópias e nos contornos da cartilha, mas não sabia o significado de algumas palavras que a professora falava. Mais adiante, descobri também que não sabia ler, que nem mesmo as letras reconhecia. Como podia contornar, copiar e não saber o nome das letras? Em uma aula tive que ler a palavra “cabeça”,

mas ao invés disso, li “chão”. Quanta desilusão! Quantas descobertas profundas para uma criança com seis anos!

Sem perder o gosto de ir à escola iniciei “minha procura” para aprender a ler e a escrever, mas até então, não sabia a importância dessa conquista para a vida social. Só queria ser como alguns colegas que tudo liam e escreviam! Chorava e sentia-me com uma venda nos olhos.

Pedia minha avó para me ensinar o que eram aquelas letras, quais sons emanavam e por que mudavam quando se uniam. Na realidade, não sabia o que eram letras, números e símbolos. Quando não copiava ou contornava traçados, utilizava rabiscos para escrever e algumas letras diferentes e estranhas. Aliás, essa era minha forma de escrita! Estava escrevendo e não imitando a escrita adulta como muitos dizem, hoje em dia, que a criança faz. Com pouca escolaridade, minha avó Isa me ensinou a ler e a escrever, me ensinou a descobrir o mistério das letras e me ajudou a entender o mundo novo e estranho que era a escola.

Como nada é perfeito ou “segue uma linha contínua de lógica”, depois de alfabetizada não escrevia mais textos com a perfeição “imaginária ou do conteúdo” que antes o fazia. Agora “comia letras”. Por que será? A atenção não era mais para cada letra, mas voltava-se para a frase e para a ideia que emitia como um todo. Recordo-me que, para a professora, isso era um retrocesso: “Como você pode copiar faltando letras? Antes não fazia isso! Por que agora o faz? Ao invés de melhorar...”. São concepções de uma época e de um tempo histórico. Entretanto, a professora não sabia que eu aprendera a ler. A professora não sabia que eu me sentia de bem com as palavras.

Brincar em casa e ir à escola: duas situações completamente diferentes em lugares marcados por sua singularidade. A lição estava na escola e em casa, mas a brincadeira (a fantasia) só estava em casa, inclusive a de imaginar histórias, cenários e personagens. Relembrando este período interrogo: onde estavam os livros? Onde estavam os contos de fadas tão característicos desta idade? Por que os príncipes, as princesas e as bruxas não entravam neste universo? Onde estavam as leituras? Não as tive, não as vi, não as conheci!

No tempo de escola: minha procura por leituras... minha procura pelo gosto em escrever...

Um tempo que vem nas lembranças, um tempo que fica na saudade... É assim que sinto ao rememorar o tempo de escola, pós-período de alfabetização. EEPSG Suzana Dias, também no município de Cajamar/SP: lá estudei praticamente toda minha vida, da 3.^a série ao 4.^o ano do magistério. Passava o dia todo, todos os dias naquele espaço de sentimentos contraditórios: agradável pelas amizades, mas frio pelas grades, pelas cores, pelos objetos, pelas filas, pelos sinais.

Também não encontrei nesta escola as princesas, os príncipes, as bruxas, as fadas. Não estavam na biblioteca, não estavam em sala de aula, não estavam na leitura do professor. Os conheci em casa e, desde então, passei a procurá-los neste espaço! O cabelo longo e dourado da Bela Adormecida, as roupas charmosas dos príncipes encantados, o vestido maravilhoso da Cinderela... não gostava muito do cabelo da Branca de Neve! Que saudades... Contos que lia às escondidas, na casa da minha avó quando todos se deitavam. Era tarde e, debaixo das cobertas, acendia a lanterna e lia... escondido!

No tempo de escola procurava por leituras que não fossem apenas sobre a “História do Brasil”, “O corpo humano”, “Sistema solar”, “Pontos cardeais”, “Capitalismo e Socialismo” para responder questões e fazer trabalhos. Encontrei, apenas na 7.^a série, outras leituras: “O pequeno príncipe”, “Um cadáver ouve rádio”, “Vínculos”, “Pollyanna”, “A moreninha”, “Meninos sem pátria”. Histórias envolventes e emocionantes que permeavam meus pensamentos, alimentavam a imaginação com cenas que, para mim, tornavam-se vivas, com movimentos, cores, gestos e expressões. Na escola não me foram dadas asas à fantasia, à imaginação... as leituras eram apenas “fichadas” e o medo pelo certo e/ou errado tomava conta do poder de criar, de ser curiosa e se desvencilhar das verdades definitivas e pretensivas.

Recordo-me que copiava muitos textos da lousa, às vezes nem sabia o que estava copiando e muito menos para quê. Copiava o mapa do Brasil e o mapa Mundi em papel vegetal, copiava a tabuada, copiava a análise sintática, copiava o resultado de expressões, copiava... copiava... copiava! Minha procura era por produção: criava minhas histórias em casa com personagens dos contos de fadas, heróis de desenhos animados, mas na escola, só copiava.

A primeira vez que produzi um texto foi o clássico: “Minhas férias”. Era uma redação... O que significava essa palavra? Época em que não pensávamos em gênero textual, em destinatário, em tipo de linguagem a ser utilizada, o texto foi simplesmente escrito e

narrou exatamente o que fiz nas férias: assistia televisão o dia todo, brincava com meus amigos na rua e lia as histórias que gostava. Resultado: tirei “C -” porque a redação não foi criativa e envolvente. Claro! Envolvente e criativa eram minhas histórias – pelo menos para mim. Sobre elas, jamais tive a oportunidade de escrever.

É claro que não posso deixar de evocar o ditado envolto à sublime frase: “Na outra linha, parágrafo, travessão e letra maiúscula!” Mas por que era parágrafo? Por que tinha que mudar a linha? Quantos “por quês”, quantas dúvidas, quantas interrogações em meus pensamentos. Será que era só eu pensava assim? No tempo de escola pouco produzia, pouco criava, pouco imaginava!

Ser professora: da indecisão à procura de uma certeza...

Memória: lugar onde guardo o que vivi e o que sonhei viver. Rememorar o período em que optei pela profissão de professora significa trazer à tona ideários e concepções do que é desenvolver este papel. A escolha pelo magistério público se deu em 1989. Era uma época em que não sabia ao certo o que queria. Sabia apenas o que não queria: lidar com números, estudar contabilidade, fazer equações, calcular porcentagens... Optei assim, pelo caminho da educação e, ao concluir o curso (1992), ingressei na docência da escola da rede municipal da cidade de Cajamar/SP, onde nasci, cresci e moro.

Uma única rede de atuação e uma grande experiência: professora da Educação Infantil por dez anos. O início deste período me trouxe a certeza que se encontrava perdida em meio à indecisão, pois a proximidade com a sabedoria, com as interrogações e com as curiosidades infantis transformaram meu olhar diante do que é ser professora. Ao ver as metáforas que as crianças eram capazes de produzir eu pensava: será que estou preparada de fato para dar aula? Tornei-me mais frágil, mais atenciosa, mais próxima desse mundo infantil que era tão distante da minha vida!

Para muitos dos questionamentos infantis, não tinha respostas. Foi quando descobri como as crianças são sábias, como estabelecem relações, como possuem argumentações consistentes, como são libertas, espontâneas, afetivas, verdadeiras, inocentes. Essas são virtudes infantis que descobri ali, bem próxima ao olhar, aos gestos, às expressões e falas de uma infância sem pudores e sem medos.

O magistério não me ensinou a lidar com as famosas interrogações infantis, tais como: por que a luz de uma vela apaga quando coloco um copo sobre ela? Por que a lua me segue quando ando à noite? Também não aprendi a lidar com situações inusitadas: não sabia como agir quando lia a história da Cinderela e a criança falava do seu passarinho! Quando perguntava o que era vulcão e a criança dizia que era o nome do seu cão! Quando mostrei um avestruz e os pequenos falavam que era parente da girafa devido ao pescoço cumprido e fino! O que era tudo isso? Por que essas situações aconteciam? Como deveria atuar? Afinal. Qual era a concepção que acreditava?

Foi nesse momento que, realmente, comecei ler, produzir e estudar. A diferença é que agora atribuía sentidos a cada parágrafo lido. As leituras? Nossa! Foram diversas. Mergulhei nas leituras literárias porque precisava conhecer o que, até então, estava desconhecido. Precisava conhecer para não fazer com as crianças o que foi feito comigo: um distanciamento do livro e da leitura. Sem falar nas leituras sobre curiosidades, afinal, precisava descobrir porque a chama da vela apagava quando colocávamos um copo sobre ela. E não foi só isso: descobri por que o céu é azul, por que o mar é salgado, por que os cangurus pulam, por que as galinhas botam ovos brancos e beges.

As leituras mais teóricas também fizeram parte deste momento, afinal, precisava entender por que as crianças davam respostas tão estranhas ou confusas para determinadas questões aos olhos do adulto. Foi aqui que comecei a entender um pouco sobre desenvolvimento infantil e a forma do pensamento da criança. Como isso era difícil! Aliás, como é difícil! Romper com a barreira adulta, com os pressupostos adultos e olhar para as crianças sob sua perspectiva é um diferencial envolto a uma passagem complexa para o professor. O adulto não pensa melhor ou pior que a criança, simplesmente pensa diferente. Assim, descobri o quão é importante o papel do professor de Educação Infantil tendo em vista o início do processo de formação de um ser.

Foi o período em que relacionava prática com teoria, sendo esta última um binóculo que utilizava em meu trabalho e que me mostrava o caminho a seguir. Foi o período em que comecei a trazer para a consciência aquilo que estava na intuição por meio dos registros escritos que abarcavam meu fazer em termos de planejamento, intervenções, falas das crianças e teoria, ainda que com muitas assimilações deformantes.

O interesse por dar continuidade aos estudos emergiu e, com três anos de profissão. Fiz Pedagogia na Faculdade Padre Anchieta, em Jundiaí e, alguns anos mais tarde, cursei

Psicopedagogia na mesma instituição. Por meio desses espaços de circulação, tive a oportunidade de compreender um pouco mais a natureza infantil, ampliar o leque de leituras, produções e ingressar num dia a dia diferenciado com relação aos modos de proceder que havia acompanhado minha rotina como aluna de magistério e professora de Educação infantil.

Para exemplificar esta relação diferenciada que até então me acompanhou na prática em sala de aula, ali estava eu, sentada com as crianças ao meu redor. Eu, tentando fazer com que a leitura fosse para elas tão envolvente quanto brincar no parque. Em minhas mãos, livros de literatura infantil. O que fazer com eles? Como lê-los às crianças? Quais são os que mais lhes interessavam?

Os estudos redimensionaram meu olhar. Comecei a atentar-me por lançamentos de livros e de temas interessantes à faixa etária. Tive sorte. A escola em que lecionavatinha um acervo bem diferente, constituído numa ordem de títulos variados e em grande número. Isso, aliado ao estudo, permitiu que eu enfrentasse com maior atenção a questão das escolhas.

Com as crianças, nem sempre tive êxito nas escolhas e leituras dos livros, mas é preciso conhecer a diversidade para poder desejar, escolher, indicar e até “repetir a dose”. As crianças tinham suas preferências e como era bom saber disso. Época em que não me ative às editoras, recordo-me de muitos livros pertencerem às editoras Companhia das Letras, Brinque-book, Ática e Abril. Minha procura por livros, além da biblioteca da escola, também se dava pela leitura de catálogos ou resenhas. Isso foi um diferencial que desenvolvi no caminhar da faculdade.

Foi no 3.º ano do curso de Pedagogia (1998) que senti uma ruptura entre o senso-comum e o aprofundamento tanto da prática como do conhecimento. Era a constituição de indícios que envolviam a tensão entre o comodismo de um fazer e o sucesso na vida profissional imbuído de exigências, crenças, filosofias e ideologias. Nada era neutro!

No entanto, tudo foi muito difícil e, às vezes, meu sonho distanciava-se da realidade do que vivia: precisava trabalhar o dia todo para sustentar minha família. É... esse era o meu papel, justamente no momento em que queria, sonhava e desejava estudar.

Em um trecho do Manifesto “Por um Brasil Literário”, Bartolomeu Campos de Queirós diz que “possibilitar aos mais jovens acesso ao texto literário é garantir a presença de elementos – que inauguram a vida – como essenciais para o seu crescimento”. Não inaugurei minha vida com os textos literários (infelizmente), mas tive que crescer em uma condição dura e de sobrevivência, o que me deu forças para jamais desistir. O valor a cada conquista

realizada, a cada reconhecimento adquirido, a cada centavo ganho! Como isso faz diferença na vida do ser humano. Por isso sempre quis o contrário para meus alunos, sempre quis apresentar a literatura para que pudessem criar, inventar, (re)inventar um oceano naquele mar de letras, imagens e símbolos.

Com todas as adversidades, concluí a faculdade no ano 2000 e me tornei uma professora questionadora, aberta a novas possibilidades, com maior clareza nas escolhas feitas para realizar um projeto, uma leitura, uma reunião e um registro. Fui parceira tanto para meus colegas como para meus superiores e nos constituímos como um grupo que estudava.

Dentre tantos episódios, dois em particular me marcaram: lembro-me que pedi às crianças que desenhassem sua casa (por dentro) devido à etapa de um projeto sobre moradias que estava sendo desenvolvido. Uma criança desenhou a casa por fora com a porta fechada e disse que não a fez por dentro porque a família saiu para passear, perdeu a chave e não tinha como abrir a porta. Outro episódio traz a fala de uma criança no momento em que, pela primeira vez, levei para a roda de história, um livro “grosso”, permeado de contos: “A Bela e a Fera”, “O Corcunda de Notre Dame”, “O Rei Leão” e muitos outros. Foi a primeira vez que meus alunos tinham visto um livro daquele tamanho, repleto de histórias. Quando sentei para lê-lo uma criança falou: “Nossa!!!! Será que vai dar tempo de ler tudo isso hoje, tia?”.

Tais episódios mostraram-me que as crianças são astutas, pensam sobre o vivido, buscam saídas para situações conflituosas, verbalizam o seu pensar em contextos significativos e, principalmente, querem aprender, por isso, são questionadoras. Afinal, o que fazer para não desenhar aquilo que não sabe? Como se lê um “livrão”?

Foi o período em que me senti tolhendo as crianças para uma infinidade de leituras. Acabei fazendo o que fizeram comigo, com a diferença de que levava livros, mas sempre os mesmos: adaptações curtas, muito coloridas, com vocabulário que não trazia à tona a beleza de uma narrativa e de uma poesia. Foi aqui que transformei minha prática em sala de aula com relação à leitura... até porque aprende-se a ler, lendo. Mas como? Ler o quê?

As formações continuadas iniciaram-se, mas não apenas as que a rede municipal oferecia. Fui atrás de outras formações (teóricas e culturais), em outros lugares e espaços, com outras pessoas que traziam inúmeras experiências de diferentes realidades. O leque ampliou-se, mas sem perder de vista o miudinho da sala de aula. Cursos, visitas a museus, exposições, feiras culturais, bienais, a minha procura foi intensa e, nesse universo de possibilidades, aprendi a selecionar o que servia para minha atuação. O que não servia, não era descartado,

muito pelo contrário, me ajudava a argumentar, a entender o diferente, a interpretar o que não era aceito. Isso me fez entender que precisamos conhecer diferentes frentes de trabalho, as distintas concepções e práticas presentes no campo educacional, a maneira de abordar determinados assuntos e a importância de não se prender a “preconceitos conceituais”. Por isso, fui fazer um curso de especialização em Psicopedagogia e, neste período, iniciou-se outra história...

O caminhar de uma carreira: após dezenove anos, minha procura continua... o lugar que ocupo é o início de outro processo...

Após dez anos como professora de Educação Infantil, fui galgar novos espaços, novos campos de atuação. Em 2002, fui convidada a trabalhar na Diretoria de Educação no município de Cajamar/SP, onde me encontro até os dias de hoje. Como supervisora de ensino, comecei a acompanhar uma rede. Como foi difícil essa passagem: de uma sala de aula para uma rede de ensino! Ampliei meu leque de olhares, pois agora tinha contato com Ensino Fundamental de 1.^a à 8.^a séries, além da Educação de Jovens e Adultos. Muitos foram os espaços em que circulei (e ainda circulo). Imaturidade, medo, insegurança... quantos sentimentos envolvidos diante do novo. Isso era mais que o oceano. Era um universo totalmente desconhecido em que a disputa de poder, de interesses, de posicionamentos ideológicos e políticos estavam presentes. E eu que estava acostumada com as crianças!

Como supervisora de ensino¹, além do acompanhamento às escolas, meu trabalho voltava-se à formação de professores e, com isso, aprendi novas estratégias de trabalho e comecei a entender a importância de ser formadora. Como formadora do curso de Professores Alfabetizadores “Letra e Vida”, antigo PROFA promovido pelo MEC, aprendi a analisar as práticas em sala de aula, o que as crianças aprendiam, quais intervenções estavam em jogo, além de produzir muitos, mas muitos registros densos e intensos. Assim, descobri a

¹ Na rede municipal de Cajamar o supervisor de ensino não tem um papel apenas administrativo. Este profissional também é responsável por formar o grupo com o qual atua em suas práticas, concepções e teorias, além de discutir, analisar e acompanhar os dados de aprendizagem levantando assim, demandas de formação. Atualmente, para ser supervisor de ensino na rede, o profissional precisa ser efetivo, apresentar um projeto de intenções para a função. Este projeto que possui uma estrutura e critérios para avaliação é analisado por uma comissão formada por todos os diretores de escola e 10% de professores de cada escola municipal de Cajamar. Com a aprovação pelo projeto, este profissional é avaliado anualmente, de acordo com os critérios estabelecidos no Estatuto do Magistério de Cajamar (Lei Complementar n.º 67, 02 de dezembro de 2005), pela mesma comissão que deferiu o ingresso. Caso não desempenhe um bom trabalho, o profissional retorna ao cargo de origem como determina a lei. O estatuto completo está disponível em: http://www.cajamar.sp.gov.br/v2/arquivos/estatuto_do_magisterio.pdf. Data de acesso: 19/07/2012.

dificuldade em transformar o que está enraizado na prática do professor. Desse momento em diante, não parei mais de atuar como formadora! Como era (é) bom disseminar novas práticas, estudar com o grupo, discutir ideias, possibilidades e atingir, ainda que indiretamente, um maior número de crianças em suas aprendizagens.

Enveredando-se pelo lado da formação continuada, discutir práticas de leitura e produção de textos a serem desenvolvidas com as crianças significa partir do pressuposto do professor que é leitor e produtor. Nesse ínterim, enquanto formadora aguçava a leitura literária do professor tanto adulta como infantil. Textos de Lima Barreto, Machado de Assis, Carlos Drummond de Andrade, Clarice Lispector, Cecília Meireles, Ricardo Azevedo, Bartolomeu Campos de Queirós, Ana Maria Machado, Angela Lago, Ziraldo e muitos outros autores eram saboreados a cada início de formação. Era o momento do deleite, do acolhimento, do contato com a literatura.

Neste período, mais precisamente em 2003, prestei o primeiro concurso público para diretor de escola no município de Cajamar/SP. Fui, ou melhor, sou a primeira diretora efetiva desta rede municipal. Afastei-me do cargo e, em 2006, apresentei projeto para atuar na supervisão de ensino sendo também, a primeira supervisora em Cajamar que ingressou na função por meio de um projeto avaliado pela própria rede.

Sempre me esforcei, procurei fazer o melhor que pude, embora tivesse (e ainda tenho) muitas falhas, já que sou ser humano. No entanto, o respeito às pessoas é essencial para mim. Acreditava nisso em sala de aula com as crianças o que não era diferente no trabalho com professores. Isso trouxe credibilidade, confiança e respeito de toda uma rede de ensino. Orgulho-me disso até porque ser profissional é respeitar o outro, é valorizar cada apontamento, é transformar-se a partir do vivido, do dito e do estabelecido. Ser profissional é questionar, independente do cargo que se tem, não para criticar, mas para avançar e construir caminhos diante daquilo que não está bom, coeso e focado.

Com esta visão acerca da importância do respeito diante do que é ser profissional, fui convidada para dar aula na Faculdade de Campo Limpo Paulista, no curso de Pedagogia, em 2007. Lá fiquei por três anos. Atuava nas disciplinas de “Didática da Educação Infantil e do Ensino Fundamental” e “Tratamento Didático da Língua Portuguesa”. Também fui professora no módulo sobre “Desenvolvimento da Linguagem”, no curso de pós-graduação em Psicopedagogia, na mesma faculdade. Era uma professora universitária com estratégias de formadora e com a convicção da importância do respeito pelo outro e pelo “miudinho da sala

de aula”. Resultado: duas últimas aulas na sexta-feira à noite, classe praticamente repleta de alunos que não iam embora, não ficavam na cantina ou na rua conversando. Tive o privilégio de ser paraninfa das turmas até o momento em que estive na faculdade. Como foi bom!

Discutir a didática do professor, seus modos de fazer em diferentes espaços de circulação no interior da escola em conexão às teorias de desenvolvimento e aprendizagem foi enriquecedor e desafiador. Alunos que trabalhavam em bancos, lojas, escritórios. Alunos que cursavam Pedagogia por falta de opção, porque o curso tinha o menor preço, porque era “mais fácil”. Alunos que já davam aula e queriam ampliar seu conhecimento. Esses foram alguns dos desafios enfrentados por mim na busca de um fio condutor capaz de atender as distintas necessidades que ali se faziam presentes. Era a heterogeneidade sendo vista como um fato e não como um problema.

Mais uma vez as escolhas fizeram-se presentes em minha vida: dar aula na faculdade ou fazer mestrado? O trabalho na prefeitura já estava consolidado, mas e a faculdade, o que fazer? Interrompi este caminho, veja bem: interrompi, mas não desisti! Minha procura pelo mestrado se iniciou e, com ela, um percurso intenso também com idas e vindas. Na realidade, vejo que hoje, não tive vindas, mas idas necessárias, sejam elas boas ou ruins. Idas que me ajudaram a crescer, a aprender a não ser fraca e, principalmente, a não desistir.

Minha procura pelo mestrado... por um tema de pesquisa...

Fabricar o passado e apresentá-lo como um texto encadeado de sentidos não foi fácil. Tentei fazê-lo até aqui! Nessa trajetória, com certeza, ficaram para trás fatos importantes que poderiam dar outro tom às memórias, ampliar contextos, ressignificar passagens, mas neste tempo, esses foram os caminhos que indicaram a minha procura, nos diferentes momentos da vida, por tudo aquilo que sempre quis conquistar, até chegar ao mestrado.

Uma escolha, também, repleta de tensão no decorrer do percurso anterior ao ingresso, que se deu em fevereiro de 2010. Ali levava em minha pequena bagagem as experiências de um passado vivo e cheio de inquietações, rupturas, avanços, retrocessos, alegrias, tristezas, encontros, desencontros, respeito, esperança, confiança, segurança e crença no ideário de que tudo é possível.

Rodovia D. Pedro, placas indicativas da Unicamp e um único pensamento: um dia quero estudar nesta faculdade. Neste momento inicia-se minha procura pelo Mestrado em

Educação, no ano de 2006. Abertura de inscrições, leitura do edital, descoberta do Grupo de Pesquisa ALLE (Alfabetização, Leitura e Escrita) e, outro pensamento: vou me inscrever! Enviei um projeto relacionado ao meu trabalho tendo como foco o letramento e a alfabetização na Educação Infantil, mas não passei na primeira fase. O mesmo processo ocorreu em 2007 e, novamente, não passei. Retornei à faculdade para pegar a documentação enviada que estava arquivada com o nome “reprovados no processo seletivo 2007”.

Sem perder a confiança, a procura continua. Em 2008 consegui entrar como ouvinte para assistir a disciplina organizada pela professora Norma Sandra de Almeida. Não conhecia a professora, não conhecia o grupo. Uma carta foi escrita por mim e deixada no escaninho da professora que leu e me ligou no dia seguinte dizendo que poderia ser ouvinte. Quanto respeito! Quanta preocupação com o ser humano! Quanta valorização sem, ao menos, me conhecer! Ali percebi que esta professora era diferente no olhar e na preocupação com o outro. Meu sorriso voltou e eu fiquei o ano todo como ouvinte.

Ano cheio de aprendizagens, novas leituras, novos autores, tais como Chartier, Certeau, Burke, Ginzburg. Era uma disciplina oferecida aos orientandos e integrantes do grupo de pesquisa ALLE, pensada como um tempo de reflexão e discussão conjunta acerca da pesquisa em educação, sobretudo em leitura e escrita. Um grupo acolhedor, parceiro, comprometido e solícito. Encontrei-me neste espaço de circulação de saberes, ideias, estudos, possibilidades de pesquisa.

Assim sendo, 2008 foi o ano que estudei e pensei em um tema que contribuísse com o grupo. Novamente me inscrevi com um projeto intitulado de: “Entre clássicos literários e projetos gráficos: uma estratégia editorial voltada à intervenção cultural para leitores infantis – 6 anos)”. Desta vez cheguei até a última fase do processo seletivo, mas não consegui. Pensei em desistir e não mais tentar!

Em 2009, a persistência não me deixou recuar, rememorava tudo o que já tinha vivido e como agia diante das derrotas. Assim, tomei uma decisão: mesmo sem ter ingressado no Mestrado, entrei em contato com a editora Cosac Naify que era a fonte da pesquisa e apresentei o projeto reiterando que seria a tentativa de ingresso no mestrado, mas que nada estava definido. As portas estavam abertas! A vontade de ingressar no mestrado da Unicamp voltou a viver.

Ali estava eu: agosto de 2009, processo seletivo. Enviei meu projeto no último dia de inscrição com o título “Entre textos e projetos gráficos dos livros de literatura infantil:

ideários que movem a produção para crianças a partir da representação de leitor de uma editora”. Título grande, envolto a vários focos que precisariam ser lapidados. Por que um título tão grande assim? Foi com este projeto, após quatro tentativas, que consegui ingressar no Mestrado em Educação. Este é um momento em que não consigo descrever o que senti! Só me passa o filme das minhas memórias de tudo que vivi, bem colorido e sequenciado...

Neste percurso, realizei algumas disciplinas que me fortaleceram teoricamente frente ao objeto de estudo. Com o Prof. Dr. Sérgio Antonio da Silva Leite, estudei “Desenvolvimento e Aprendizagem”, pois meu interesse voltava-se aos conceitos de aprendizagem, sobretudo, na corrente sócio-cultural e na mediação entre indivíduo e cultura. Embora a disciplina fosse voltada a uma linha psicológica, o fato de estudarmos o conceito de mediação, muito me ajudou no processo de entrevistas ao buscar compreendê-la na relação entre entrevistado e entrevistador, bem como as negociações de sentidos que se estabelecem na relação entre editor e autor; autor e objeto livro; editora e mercado editorial.

A disciplina “Trabalho docente, práticas escolares: diálogo com perspectivas teóricas do cotidiano”, oferecida pela Prof^a. Dr^a. Ana Lúcia Guedes Pinto foi essencial tendo em vista a abordagem da História Cultural nas práticas cotidianas. Voltada às práticas das instituições escolares, mas com o aporte teórico que constitui minha pesquisa, ajudou-me a entender como relacionar as práticas cotidianas na perspectiva da História Cultural. Práticas escolares, práticas de leituras, práticas de leitores foram debatidas nesta disciplina e, por meio de tais discussões, comecei a compreender como relacionar esta abordagem com as práticas de criadores e produtores de livros que, para eles, também são cotidianas. Assim, estudar Certeau, Chartier, Burke nas práticas cotidianas escolares, me ajudou na compreensão sobre como fazer este processo no trabalho com a fabricação de livros. Nesse sentido, pude rever textos estudados no ALLE e relacioná-los à pesquisa em andamento.

Com a Prof^a. Dr^a. Roseli Aparecida Cação Fontana cursei a disciplina “A produção das relações de ensino – sujeitos, tempo e espaço”. As discussões fizeram-me refletir sobre meu papel enquanto pesquisadora iniciante que quer abraçar o mundo! Assim, a todo o tempo, fui pensando sobre o contexto das ideias que estão imersas em minha pesquisa e como a pergunta surge no momento em que tais ideias circulavam. Isso me ajudou a pensar e delinear os procedimentos metodológicos na relação com o referencial teórico assumido (História Cultural). Fiz entrevistas, apliquei questionários, fui a campo, analisei o *corpus* e confrontei informações. Tais procedimentos foram consequências deste referencial, visto que toda

prática muda conforme o tempo e o espaço que ocupam. Por isso, entender o pensamento de um autor e de uma editora ao criar e fabricar seus livros no movimento da História Cultural pressupõe que, para acessá-los, é preciso desenvolver os procedimentos citados. Bakhtin também foi um autor muito lido, estudado e discutido, sendo este utilizado em minha pesquisa ao discorrer sobre os enunciados de uma entrevista, as vozes que ecoam como verdades ou mentiras carregadas de conteúdo ou sentido ideológico.

A disciplina “Aspectos da cultura de imagens e textos”, realizada pelo Prof. Dr. Milton José de Almeida (*in memoriam*), trouxe elementos importantes para pensar a relação entre texto e imagem que muito contribuiu com minha pesquisa ao analisar como essa relação se dá nos livros de Odilon Moraes. O ideário de que as imagens vistas podem representar uma cenografia onde há imagens ideais que querem parecer reais, visíveis, palpáveis com os olhos, podem estar presentes no cinema, no livro, no quadro e não necessitam serem vistas em sua linearidade como ocorre no texto escrito, mas na alternância do que se quer ver. Já o escrever é um mistério aportado pelas letras, consideradas desenhos de onde emanam sentidos, ideias, liberdades... Confrontar esses conceitos com o que o autor pesquisado traz foi primordial na construção dos capítulos que abrangem essa temática. Essa disciplina também trouxe à tona a importância de estudar o que não se sabe, sendo esse o aspecto que parece constituir um pesquisador. Isso foi o que ocorreu comigo: não dominava o tema da pesquisa, tinha medo, mas procurava o que não estava perdido, mas que me era desconhecido, como peças de encaixe para se compor um quebra-cabeça, se é que isso é possível! Hoje percebo que o quebra-cabeça de uma pesquisa não é limitado, mas pode ser reinventado, ampliado...

Com a Prof^a. Dr^a. Norma Sandra de Almeida Ferreira e Prof^a. Dr^a. Lilian Lopes Martin da Silva participei do “Seminário III: Questões de pesquisa e de leitura” no qual pude discutir junto ao grupo um conjunto de referências teóricas e conceituais que vêm orientando algumas das pesquisas e reflexões desenvolvidas pelo ALLE, especialmente no âmbito da cultura escrita e das práticas leitoras. Do universo de autores, como Certeau, Chartier, Ginzburg, Darton, Bourdieu, entre outros, foram selecionados os textos estudados. Por ser a última disciplina cursada por mim, no 2.º semestre de 2011 tive um olhar mais apurado para os autores estudados desde 2008, pois agora a pesquisa já estava focada e os capítulos já estavam sendo desenhados.

Só não posso deixar de mencionar as “Atividades Programadas de Pesquisa I e II” diante da contribuição que deram à pesquisa realizada. Foi o momento em que me fortaleci

diante do recorte da pesquisa e na construção de texto que delineou a pesquisa que será aqui apresentada, diante de outras já realizadas. Momento em que o grupo estudava, lia, debatia e apresentava suas pesquisas a fim de receber contribuições. Foram momentos ricos de troca e ajuda que me mostraram que ser pesquisador não é apenas ser solitário.

As situações que evoquei neste memorial buscaram recuperar “minha procura” no percurso de uma trajetória, reconhecendo mundos que nasciam a cada fase vivida. Hoje percebo, ainda que timidamente, que toda minha trajetória permeada pela persistência, assim como pelas disciplinas cursadas neste período do mestrado, pelos artigos escritos para congressos, seminários, colóquios, pelas extensas e empolgantes conversas na cantina com o grupo do ALLE, as orientações sábias, profundas, compreensivas e direcionadas pela minha orientadora constituem-se como elementos singulares que foram responsáveis para chegarmos à concretização da pesquisa, sempre em processo, com um título ainda provisório “Um escritor e ilustrador (Odilon Moraes), uma editora (Cosac Naify): criação e fabricação de livros de literatura infantil”.

É nesse ponto que hoje me encontro (momento contínuo de um memorial onde o presente já é passado): com uma pesquisa que contém um assunto inesgotável, que se transforma ao longo da história, do tempo e do espaço, esperando por contribuições para seu prosseguimento. Mas essa é outra história que será marcada no desenrolar do próprio trabalho aguardando um futuro que um dia se transformará na continuidade das minhas memórias...